O IMAGINÁRIO QUE PERMEIA O BAIRRO DESTERRO - SÃO LUÍS/MA E SEUS DESDOBRAMENTOS EM TERMOS DE SIGNIFICADO

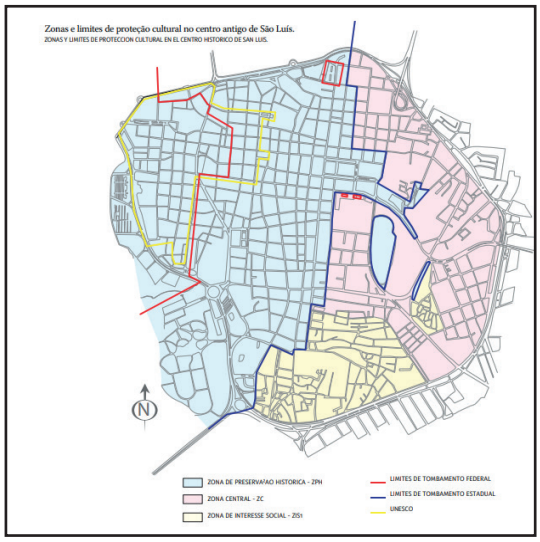
Raquel Miranda dos Santos[1]

Célia Regina Mesquita Marques[2]

INTRODUÇÃO

É característica intrínseca da cidade de São Luís a sua relação com o patrimônio histórico e a sua preservação. Desde a sua inscrição na lista de Patrimônio da humanidade em 6 de dezembro de 1997, pela Convenção do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) (LOPES, 2008), a cidade teve relevância no ciclo de preservação mundial de patrimônios comuns à toda humanidade. Além do reconhecimento já citado, também houve esforços internos, nacionais e estaduais, para o reconhecimento e proteção do Centro Histórico da capital (figura 01).

Figura 01 - Mapa de Zonas e limites de proteção cultural no centro antigo de São Luís.



Fonte: Lopes (2008)

No entanto, o interesse em preservar o acervo arquitetônico de São Luís é muito anterior à inscrição de 1997. De acordo com Lopes (2008) os primeiros tombamentos federais em São Luís ocorreram em 1940, mas eram especificamente relacionados à igreja católica, como a Capela de São José das Laranjeiras e o Portão Armoriado da Quinta das Laranjeiras. Ainda na década de 40, ideias preservacionistas surgem dos intelectuais da cidade, que organizam a Comissão de Patrimônio Artístico Tradicional de São Luís e o Decreto n°476 (1943), que proibia a demolição de sobrados e casas com mirante ou azulejos nas fachadas. Já em 1955, acontecem tombamentos federais na cidade de São Luís que incluíam: o Conjuntos Arquitetônicos e Paisagísticos da Praça Benedito Leite e da Praça João Francisco Lisboa, o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico

1 Discente em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: raquelmiranda626@gmail.com
2 Doutora em Urbanismo, Docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: celita1@gmail.com

do Largo do Desterro, e o Acervo Arquitetônico e Paisagístico da Praça Gonçalves Dias (Lopes, 2008).

O motivo pelo qual foi possível preservar o acervo arquitetônico da cidade de São Luís podia ser inicialmente visto como negativo. Em comparação com os outros estados da federação, o Maranhão passava por um atraso econômico: em capitais do sudeste com maiores índices de desenvolvimento, em destaque São Paulo e Rio de Janeiro, a tendência era a modernização urbanística que destruía seus traçados coloniais em detrimento do alargamento de suas vias com a intenção de abrigar novos usos (Chaves e Silva, 2015).

Ao contrário da tendência nacional de renovação dos seus centros, a região central de São Luís sofreu uma onda de abandono, que levou a duas frentes contraditórias quanto ao seu acervo arquitetônico: a paralisação das atividades econômicas e de habitação deixou os casarões clássicos abandonados e deteriorados, ao mesmo tempo que seu abandono preveniu que os mesmos fossem modernizados e destruídos, como nas grandes cidades brasileiras no início do séc.XX (Chaves e Silva, 2015).

> "Ao deteriorar-se, o centro da cidade de São Luís passou a ser alvo das chamadas políticas de revitalização urbana. Políticas que visam tratar esse espaço da cidade como uma área de fato doente, tal como se fosse uma parte do corpo humano acometida por um mal degenerativo. A partir do início da década de 1980, o que se convencionou a chamar de Centro Histórico passou a ser alvo de diversas políticas de reabilitação urbana que têm custado milhões em investimentos públicos, sobretudo para fins turísticos e administrativos do Estado, sem, contudo, garantir o uso residencial do centro, agora histórico, da cidade de São Luís." (Chaves e Silva, 2015, pg.06)

Contudo, apesar de existirem há décadas, as iniciativas de preservação em São Luís não são necessariamente democráticas. De acordo com os autores Chaves e Silva (2015), os esforços de proteção e preservação na cidade se afastam da função social do patrimônio em favor de interesses políticos, governamentais e do mercado turístico local. Além disso, o patrimônio é enxergado somente no monumental, ligado às antigas elites aristocráticas e seus conjuntos urbanos. Dessa forma, classes sociais menos favorecidas não são nem o agente nem o alvo da preservação, dificultando a comunicação direta com os órgãos responsáveis.

O Desterro é parte fundamental de São Luís e, juntamente a outros bairros tradicionais como a Madre Deus, Diamante e Camboa, faz parte dos 11 bairros que estão englobados no que é classificado como *Centro Histórico* da capital maranhense (Chaves e Silva, 2015). A importância do Desterro também é reflexo da sua simbologia ao longo dos seus séculos de existência: Primeiramente como importante núcleo religioso, ao abrigar o Convento das Mercês e a Igreja do Desterro, como reflexo da cidade na segunda metade do Século. XX, abandonado e deteriorado tal qual o centro esvaziado ao seu redor; e a partir da década de 80, como um dos pólos de preservação do patrimônio tanto material quanto imaterial ludovicenses.

O presente plano de trabalho tem como objetivo destrinchar a simbologia acima citada. A fim de cumprir este objetivo, foram analisadas fotografias históricas e atuais, de acervos públicos e pessoais, livros, artigos, dissertações, reportagens de jornais, além de entrevistas com autoridades e moradores do local de estudo.

METODOLOGIA

Os instrumentos de análise centralizam-se nos discursos dos indivíduos que de alguma maneira se relacionam e/ou relacionam com o bairro Desterro. A pesquisa foi conduzida por uma abordagem com ênfase qualitativa, detendo-se nas peculiaridades, nas nuances que aí se expressam assim como nas relações que vão sendo construídas entre o indivíduo e o lugar.

O primeiro momento foi dedicado à revisão bibliográfica visando maior entendimento do objeto principal de estudo. Tal aprofundamento foi obtido através da leitura de monografias,

livros, artigos, matérias e recortes de jornais e possibilitou a compreensão da história do local, sua cultura e destaques na sua paisagem urbana. O segundo momento foi o de catalogação de imagens antigas do bairro do Desterro, baseando-se em registros encontrados em álbuns, acervos de órgão públicos, acervos na internet, entre outros, a fim de levantar um conjunto de imagens que guiaram a elaboração e continuidade do trabalho, ajudando na meta de entender a simbologia do objeto principal. Em seguida, foram levantadas intervenções e tentativas de reabilitação do Desterro desde o início do século XXI até os dias de hoje, fazendo uma reflexão ativa de sua efetividade. Por último, através de visitas de campo, foi levantado um acervo próprio de imagens que ajudasse a ilustrar as percepções sobre as mudanças do Desterro e a sua simbologia e influência em São Luís nos dias de hoje. Essas etapas permitiram uma análise sobre a realidade concreta do espaço, avaliando o Desterro em si e em relação à cidade que o cerca.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Simbologia no bairro do Desterro

A origem do Desterro é tão antiga quanto a da cidade que o cerca, sendo parte essencial da sua história em todos os seus séculos de existência. O bairro é reconhecido desde os primeiros traçados de território feitos pelos franceses ao construir o Forte de São Luís; servindo como palco de batalha nos embates entre diferentes colonizadores, franceses, portugueses, holandeses etc.; e como um importante espaço mercantil na formação de São Luís (São Luís, 2005a).

No entanto, a contar de sua origem colonial até os dias atuais na república, o Desterro é visto muitas vezes como um apêndice da Praia Grande. Havia e ainda há um grande contraste entre a opulenta Praia Grande, construída para os ricos comerciantes portugueses e com todo o apoio da metrópole para o que é considerado o primeiro bairro de brasileiros, que trabalhavam e serviam os habitantes do primeiro (Chaves e Silva, 2015). Assim, muitas vezes o local é visto como menor, menos importante e menos querido por quem não o frequenta ou faz de suas ruas seu endereço de moradia. Dado o contexto aqui apresentado, foram investigadas e categorizadas as diversas simbologias que o Desterro teve ao longo dos séculos e sua relação com a cidade ao redor.

O Desterro e a religião

Dois dos maiores símbolos de religião do Centro Histórico estão presentes no Desterro: A Igreja do Desterro e o Convento das Mercês, a primeira emprestando seu nome ao bairro. Tais edificações estabelecem no local um interesse, que até hoje atrai não só fiéis, mas também pesquisadores e historiadores curiosos sobre a primeira das simbologias que permeia suas ruas e becos: um polo de religiosidade.

> "Formado por ruas estreitas oriundas das veredas projetadas pelo constante caminhar dos seus primeiros moradores, o bairro abriga becos e ruas de nomes enigmáticos, como o do Precipício e do Caéla. De denominação também singular, o Desterro foi povoado em torno de uma edificação religiosa em homenagem a Nossa Senhora do Desterro, mãe protetora dos degredados portugueses que eram trazidos para cá." (São Luís, 2005a, pg. 13)

A Igreja do Desterro, datada de 1618, já estava presente no local quando em 1654 tentaram construir no mesmo terreno o Convento das Mercês, sendo muito mais antiga que este: "No seu princípio foi uma pequena ermida coberta de palha com a porta principal aberta, não para a rua da Palma como se vê presentemente, e sim para a praia, ficando *exactamente* no lugar onde

hoje está o altar-mór." (Marques, 1970). Em 1832, no entanto, a Igreja estava em ruínas pela segunda vez, já tendo sido reconstruída logo após a expulsão dos colonizadores holandeses, que em 1641 profanaram-na e destruíram a imagem de sua padroeira (Lopes,2008).

É daí que surge uma história de admirável motivação, quando o homem de nome José Lé, pobre e preto e muito devoto de São José do Desterro (atual santo padroeiro da igreja), reergueu com suas próprias mãos as paredes já em ruínas do templo (São Luís, 2005a). Infelizmente, José Lé morreu antes de ver sua obra concluída, mas outro devoto chamado José Antônio Furtado do Queixo angariou fundos e finalizou a obra (Lopes, 2008).

Mais um golpe que atingiu a Igreja, foi em 1865, quando a Câmara Municipal tentou demolir a casa de oração, que estava novamente em ruínas, a fim de construir ali um mercado. Todavia, mais uma vez, os seus fiéis fizeram valer a sua vontade de preservar o local, argumentando com a Câmara a importância histórica e religiosa do templo, como demonstrado por Marques (1970):

> "[...] esta ermida foi o primeiro templo, que houve no Maranhão, onde funcionaram as pontificaes os nossos primeiros Bispos, a unica sagrada, e onde dormiam o somno eterno os primeiros habitantes do Maranhão. [...] Que pelas duas copias que enviava, se conhecia não serem tão grandes as ruinas d'esta capella, accrescendo que pelo lugar, em que estava collocada reclamava a bem espiritual dos fiéis a sua conservação, pois que n'essa parte da cidade é a unica casa de oração, não podendo deixar de recordar, que era a mais antiga d'esta capital e a unica sagrada." (Marques, 1970, pg.180)

Pode-se observar nos exemplos acima, a devoção, fé e dedicação que os fiéis da Igreja de São José do Desterro demonstram ao seu lugar de adoração e ao seu Santo padroeiro. Por muitas vezes, o ser humano busca na religião o conforto e consolo em momentos difíceis, e a gratidão pelos bons momentos de sua vida. Dessa forma, como já citado, o templo é um polo de fé que até hoje se mantém firme graças a seus frequentadores.

Figura 02 - Fachada da Igreja do Desterro.



Fonte: Acervo pessoal(2025)

Como descrito por Lopes (2008), o Convento das Mercês tem sua construção iniciada em 1654 por integrantes da Real, Sagrada e Militar Ordem Calçada de Nossa Senhora das Mercês e da Redenção dos Cativos. Os mercedários João Cerveira e Marcos da Natividade, vindos de Belém, juntamente a líderes locais, construíram o primeiro protótipo da Igreja e do convento em taipa coberta com palha. Logo no ano seguinte, reergueram ambos em pedra e cal.

Com o passar dos séculos, o Convento passou por diversas mudanças em sua estrutura e principalmente nos seus usos. Foi abandonado após a Independência do Brasil em 1822,

sendo retomado o seu uso em meados do século XIX. XIX a fim de abrigar a sede do Seminário Menor, passando por mudanças em sua estrutura para atender este objetivo. No início do Séc. XX o Governo do Estado assume a administração do espaço, fazendo várias modificações na fachada, e utilizando o local como quartel da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militares do Estado (Lopes, 2008).

Figura 03 - Fachada do Convento das Mercês.



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Entre os anos de 1987 e 1990, coincidindo com os outros esforços de preservação do patrimônio de São Luís, o edifício passou por reformas (figura 04) que visavam trazê-lo ao seu estado original: "Foram retirados os anexos que descaracterizavam a obra, descobertos os arcos originais e o poço utilizado pelos mercedários. Encontrou-se também os alicerces da igreja demolida, que ainda conservava resquícios do altar." (Lopes, 2008, pg. 181). Hoje em dia, o Convento é onde funciona a Fundação da Memória Republicana, onde existe um acervo histórico importante, além disso ocorrem diversos eventos culturais, exposições, festas populares e palestras.

Figura 04 - Interior do Convento das Mercês.



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Assim como a Igreja do Desterro, O Convento das Mercês se tornou um dos destaques do patrimônio histórico de São Luís. Transcendendo seu papel religioso, que ainda é muito importante, esses dois edifícios são a demonstração física de séculos de história e do empenho e força de vontade da população em manter viva a sua herança.

O Desterro e o seu esvaziamento

A partir dos anos de 1940, houve uma mudança significativa no traçado de São Luís, graças à construção da Avenida Getúlio Vargas. A partir deste novo rasgo na malha urbana da cidade, os antigos ricos moradores da Praia Grande queriam habitar a mais nova e moderna Avenida - que mais tarde seria cercada pelo bairro do Monte Castelo, iniciando um movimento de "êxodo" do centro (Lopes, 2008). Daí é possível ver uma tendência que iria se manter pelas décadas seguintes, a de abandono progressivo do centro da cidade.

Enquanto para a capital no geral, a década de 70 foi uma época de prosperidade e urbanização graças à investimentos federais, a construção da ponte do São Francisco e a chegada de empresas como a Alumar e Vale do Rio Doce, em contrapartida, para o Desterro, esse novo cenário não beneficiou suas ruas já abandonadas.

Como exposto por Lopes (2008), foi durante esse período, o Estado Novo, que foi criada pelo governo, em parte da Praia Grande e do Desterro, a Zona do Baixo Meretrício. A ZBM era uma zona de prostituição legalizada, que enquanto durou afastou várias famílias que ali residiam contribuindo para o esvaziamento já crescente na região. Durante o início e boa parte do Séc. XX, a prostituição e a vida boêmia foram as fontes de riqueza do Desterro, conferindo uma associação que para os mais antigos ainda persiste entre suas ruas e os antigos bordéis (Chaves e Silva, 2015).

No entanto, um movimento contrário ao esvaziamento surgiu: ao mesmo tempo que as antigas famílias abandonaram seus sobrados, estes iam mudando de função e se tornando cortiços e pensões que supriam a necessidade de moradia da população que vinha do interior do estado para morar na capital (Lopes, 2008). Em matéria de 1989, Ramos discorre sobre o cenário do bairro na época da boêmia: era um verdadeiro Cortiço, em 1950 com uma população de 119.785 na cidade, grande parte fazia de sua morada o Desterro. O autor (Ramos, 1989), ainda destaca as ruas que escrevem a história do bairro: A rua do Giz, da Estrela e da Palma, a última com seus antigos bares era ponto de encontro dos boêmios da cidade de qualquer classe social; outra rua relevante é o Beco Feliz (atual Travessa Feliz) foi cenário importante do baixo Desterro.

Percebe-se então que durante muitas décadas, contrastando fortemente com a imagem religiosa que antes tinha, o Desterro foi sinônimo de libertinagem. Pelas suas ruas, o que reinavam eram os bordéis e bares, que ao mesmo tempo que movimentavam a economia, também deixavam uma marca que muitas famílias ainda querem esquecer.

Como citado anteriormente, na década de 80 surgiu um movimento de revitalização do Centro histórico que naquela época era enxergado como uma verdadeira área doente da capital (Charles e Silva, 2015). Estando incluso neste recorte, o Desterro possui as mesmas patologias que assolam o patrimônio histórico em todo Brasil:

> "Bairros históricos, considerados patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sofrem, em todo o Brasil, dos mesmos problemas: a) esvaziamento do espaço urbano, mesmo em meio a pesados investimentos em revitalização urbana; b) ausência de investimentos em moradia, quer para oferecer qualidade de vida aos moradores desses espaços, quer atrair novos moradores; c) tráfico de drogas e violência urbana." (Charles e Silva, 2015, pg. 03)

No que diz respeito ao último problema citado, o Desterro sofre até hoje com uma estereotipação acerca da criminalidade. O bairro ficou conhecido por muito tempo como lugar de tráfico de drogas e violência, reforçados pelo abandono do poder público justamente pela caracterização de Zona do Baixo Meretrício. Em matéria do Jornal Veja (2005), é possível ver a intensificação dos problemas de criminalidade nas falas dos moradores: " Depois da 1h da madrugada, ninguém pode andar por aqui, a venda de merla corre solta. Os marginais nem se incomodam pela proximidade da Delegacia de Roubos e Furtos", relata Leila Franco Nogueira ao jornal.

Na mesma reportagem (Veja, 2005), é relatado o descaso com o bairro, problemas como iluminação pública precárias, esgoto não tratado, falta de segurança, creches e locais de lazer. Como consequência desse abandono, os casarões se deterioram e um ciclo vicioso se inicia: O abandono gera a violência, que gera a deterioração do patrimônio, estigmatizando a área como não querida pelo resto da cidade, gerando mais abandono. "As casas estão caindo na cabeça dos moradores. Os que estão abandonados servem de esconderijo para ladrões e para a venda de drogas", continuou em seu relato a moradora Leila Franco (Veja, 2005).

Figura 05 - Moradores do Desterro próximos a casarão abandonado, Veja 2005



Fonte: Acervo do IPHAN (2025)

Este é apenas um dos recortes que mostra como o Desterro passou a ser enxergado a partir da metade do séc. XX e até - na visão de alguns dos moradores de São Luís - os dias de hoje. Nesse sentido, o modo como o bairro é percebido pelo restante da cidade e pelos seus governantes impacta seriamente no modo como ele vai ser cuidado. Percebe-se então mais uma das simbologias que o representa: um lugar de boêmia e violência - tão contraditória em relação à primeira aqui apresentada.

O Desterro como centro cultural

Como apontado anteriormente, houve nos anos 90 os primeiros investimentos voltados para a preservação do Centro Histórico de São Luís. No entanto, tais investimentos parecem não ter atingido a maior parte da população do Desterro. De acordo com Chaves e Silva (2015), isso na verdade é uma tendência nacional no que diz respeito à preservação. Os autores relatam que as políticas de preservação no Brasil privilegiam o aspecto monumental do patrimônio, sendo sinônimo de monumentos e conjuntos arquitetônicos ligados à elite aristocrática, a arquitetura católica e barroca. Na maioria dos casos o que ocorre é uma adequação do patrimônio para os interesses do mercado e para a atração de usos privados ligados ao turismo. Nesse sentido, o Desterro não se via incluso nas tentativas de preservação, já que grande parte do bairro tinha uso residencial (São Luís, 2005a), e nas poucas tentativas de habitação social, o esforço foi no sentido de trazer novas pessoas para o bairro e não manter as pessoas que ali já habitavam.

No entanto, o patrimônio nada seria senão pela força de vontade daqueles que o mantêm vivo, sendo esse justamente o caso do Desterro e, apesar da visão anterior relatada, a população do bairro carrega consigo um orgulho identitário que os acompanha sempre. Desde os devotos fervorosos de Nossa Senhora e São José do Desterro, que organizam várias procissões durante o ano, aos pescadores da área do portinho que sobrevivem do seu ofício da pesca em alto mar

e tirada de caranguejo, preservando uma maneira de viver oriunda do bairro desde sua origem (São Luís, 2005a). É por essa força de vontade dos habitantes do Desterro, que este foi pouco a pouco adquirindo a próxima simbologia que aqui será abordada: a de centro cultural.

Para além do patrimônio arquitetônico e urbanístico, que colocou São Luís nos mapas turísticos do mundo, outro aspecto que destaca o bairro é o seu patrimônio imaterial. Esse tipo de patrimônio se constrói a partir das pessoas ligadas por um passado comum, pela sua língua, cultura, costumes, crenças, e saberes comuns, que constituem uma identidade cultural e social (IPHAN, 2012). É o caso do Desterro, que constrói seu patrimônio a partir do que é considerado valioso pela sua comunidade, mesmo que para o mercado formal isso não seja uma prioridade.

Uma das manifestações culturais mais importantes e muito conhecida do bairro é a Flor do Samba. A escola de samba foi fundada em 11 de novembro de 1939, por um grupo de engraxates, pescadores e arrumadores de estiva que haviam se reunido num pequeno espaço na Rua da Estrela, próximo ao Largo do Desterro (Wikipedia, 2024). O último local tornou-se o endereço da escola até hoje, instituição que traz sempre muitas conquistas para o bairro, sendo, no ano deste trabalho, vencedora de 16 títulos (Flor do Samba, 2024). Além disso, a Flor do Samba promove também diversas atividades de divulgação da cultura, sendo assim, responsável direta pela valorização do Desterro.

Figura 06 - Sede da escola Flor do Samba.



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Outra forma que o Desterro se destaca culturalmente, é ao ceder seu espaço físico para eventos que ocorrem no local. A começar pelas edificações mais simbólicas do bairro: o Convento das Mercês e a Igreja do Desterro. O primeiro é a porta de entrada para o bairro de quem o acessa vindo da Praia Grande através das Ruas da Estrela, do Giz, e da Palma. Agora com função de Fundação da Memória Republicana, o convento recebe constantemente cuidado pelo poder público graças à sua função principal como Museu da Memória Republicana. Além disso, é palco de diversas manifestações culturais e eventos periódicos. Por fim, talvez a mais importante de suas funções no sentido social, é o abrigo da escola da Banda do Bom Menino, idealizada por José Sarney e Aluízio Lobo, ensina crianças de 9 a 14 anos a tocar instrumentos e ler partituras, incentivando a sua entrada no mundo da música. É inegável a importância simbólica que o local representa não só para o bairro do Desterro, mas também para o resto da cidade de São Luís.

Diferentemente do Convento das Mercês, que hoje em dia exerce outras atividades, a função principal da Igreja do Desterro ainda é primariamente religiosa. A igreja se destaca como

marco na paisagem não só do bairro, mas também do centro histórico de São Luís, e ainda atrai centenas de fiéis todos os anos para os seus diversos eventos relacionados à igreja católica. Em visita ao local no dia 31 de maio de 2025, foi possível observar presencialmente a permanência desta como símbolo de fé viva no bairro. Na ocasião, ocorria o encerramento do mês Mariano de 2025, dedicado à Maria, o evento contou com doações de alimentos, canções, queima de fogos e a participação da banda de música Bom Menino. Este é só um exemplo das importantes celebrações que acontecem rotineiramente no local, reforçando a importância que o bairro do Desterro tem na sua interseção entre fé, cultura e tradição.

O Desterro através de imagens

Ao longo do processo desenvolvido neste trabalho, foram consultadas diversas fontes à procura de imagens históricas que retratam o bairro ao longo das décadas a fim de também montar a base de novos registros fotográficos originais. Algumas dessas imagens retratavam os pontos mais lembrados do bairro tal como a Igreja do Desterro (figura 08) e o Convento das Mercês (figura 07).

Figura 07 - Convento das Mercês



Fonte: CUNHA (1908)

Figura 08 - Igreja do Desterro



Fonte: CUNHA (1908)

Mas também foi possível encontrar registros dos logradouros do bairro e do cotidiano de seus habitantes (figura 09).

Figura 09 - Brincante de Bumba-meu-boi entre a Rua da Manga e a Travessa (Beco) do Portinho, Acervo MAVAM, 1970/1980.



Fonte: São Luís Memória (2025)

Inspirado pelos registros históricos encontrados e a fim de postergar a ideia de guardar a memória através desse tipo de registro, também foram feitas visitas ao bairro que resultaram numa melhor compreensão desse lugar a partir da criação de um acervo próprio de imagens (figura 10).

Figura 10 - Imagens do Largo do Desterro, 2025



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Ao fim das visitas prestadas ao bairro, percebeu-se o que vem sendo apontado desde o início nesse trabalho: o bairro resiste na sua representatividade simbólica em diversos aspectos, destacando-se os religiosos e culturais. Já no que diz respeito ao caráter de bairro boêmio, parece que os anos de baixo meretrício ficaram mais na memória do que na realidade, mantendo-se mais a reputação do que a presença dos estabelecimentos. A paisagem urbana em alguns pontos

permanece intocada, já em outros percebe-se a clara degradação do patrimônio histórico que nele reside. O Desterro parece ser um recorte temporal da memória do Centro Histórico.

Figura 11 - Travessa Feliz



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figura 12 - Beco do Precipício



Fonte: Acervo pessoal (2025)

CONCLUSÃO

Este artigo se origina a partir de um projeto de pesquisa de mesmo título associado ao ciclo PIVIC de 2024 a 2025. Durante sua duração de um ano, buscou-se explorar a simbologia do Desterro tanto para seus moradores, que o vivenciam diretamente e constroem a sua história, quanto para o resto da cidade de São Luís, que por vezes influencia e em outras é influenciado pelo bairro. A partir deste foi possível construir alguns produtos, dentre estes aqui é apresentada a análise de sua simbologia numa perspectiva histórica.

Estando presente desde a fundação de São Luís, o Desterro passou ao longo dos anos por diversas transformações, afetado pelo que ocorria ao seu redor, mas também tendo sua influência sobre o restante da ilha. Sua primeira e mais persistente simbologia foi a de polo religioso, a partir da construção do Convento das Mercês e da Igreja do Desterro, atraindo fiéis, pesquisadores e curiosos até os dias de hoje.

Em seguida, outra simbologia não apreciada pelos moradores do bairro, foi aquela adquirida a partir da criação da Zona do Baixo Meretrício, conferindo ao bairro a reputação de boêmio. A partir desse cenário, e com os anos seguintes de abandono tanto de moradores como do poder público, ao bairro foi apontada a reputação de perigoso, violento e associado ao

tráfico de drogas, reputação essa ainda enraizada na cabeça de muitos habitantes da grande ilha do Maranhão, mas que também se baseia muito em preconceito.

Por fim, a simbologia mais presente recentemente é a de Centro Cultural, inicialmente por ter sido incluído no perímetro urbano do Patrimônio Histórico de São Luís, mas principalmente pelos esforços dos seus habitantes, que sempre mantiveram sua cultura e meios de viver, apesar do pouco incentivo externo. Hoje, o Desterro também é conhecido pelas suas manifestações culturais, sendo palco de festividades e aprendizados.

Esta pesquisa se apoiou na revisão bibliográfica de artigos, livros e reportagens de jornal, mas também no apoderamento de um acervo de fotografias históricas do bairro – preservadas em acervos públicos ou particulares – como também em acervo próprio. Este, apresentado brevemente no corpo do texto, foi produzido em visitas ao local objeto desta pesquisa, quando foi possível observar a ambientação que abriga as impressões que o bairro carrega. A análise aqui exposta muito se baseia nos registros que foram coletados e a partir dessas fotos podemos montar uma linha do tempo das mudanças que ali ocorreram, compreendendo sua trajetória e, consequentemente o porquê de nos dias de hoje o Desterro ser o que é, como bairro e como símbolo de resistência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ed Wilson. **Estariam "higienizando" o Centro Histórico de São Luís?** *Edwilsonaraujo*, 28 ago. 2020. Disponível em: https://edwilsonaraujo.com/tag/oscar-frota/. Acesso em: 26 jun. 2025.

AUGRAS, Monique. **A dimensão simbólica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

CASA DO BAIRRO inicia atividades sociais no bairro do Desterro. *O Imparcial*, São Luís, 7 mar. 2016. Disponível em: https://oimparcial.com.br/cidades/2016/03/casa-do-bairro-inicia-atividades-sociais-no-bairro-do-desterro/. Acesso em: 12 jul. 2025.

CENTRO HISTÓRICO receberá R$ 50 milhões: investimento recuperará conjunto arquitetônico localizado em torno do bairro do Desterro e de áreas adjacentes. *Estado do Maranhão*, São Luís, 28 dez. 1997.

CHAVES, César Roberto Castro; SILVA, Brenda Veneranda Fernandes. **Sociabilidades e patrimônio cultural: um olhar sobre o sentido da preservação a partir da memória socialmente construída em São Luís/MA**. São Luís, 2015.

CUNHA, Douglas. **Veja a história do bairro do Desterro e seu comércio de pescado.** *O Imparcial*, São Luís, 17 ago. 2020. Disponível em: https://oimparcial.com.br/cidades/2020/08/veja-a-historia-do-bairro-do-desterro-e-seu-comercio-de-pescado/. Acesso em: 12 jul. 2025.

CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908: álbum fotográfico**. 2. ed. São Luís: Edições AML, 2008.

DESTERRO: violência e falta de estrutura no patrimônio abandonado. *Veja Agora*, São Luís, 11 dez. 2005.

DURANS, Gilbert. **O imaginário**. [S. l.]: Difel, 2011.

FLOR DO SAMBA. *Keepo.io*, 2025. Disponível em: https://keepo.io/flordosamba/. Acesso em: 22 fev. 2025.

FLOR DO SAMBA. *Wikipédia, a enciclopédia livre*, 16 dez. 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Flor_do_Samba. Acesso em: 22 fev. 2025.

GOÉS, José Henrique Lopes. **Moradia popular na revitalização do centro histórico de São Luís: caso do Desterro**. 2011. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2011.

GOVERNO DO ESTADO inaugura novo Entreposto Pesqueiro do Maranhão e assina ordem de serviço para reforma do Mercado do Peixe. *MA.gov.br*, 18 mar. 2025. Disponível em: https://www.ma.gov.br/noticias/governo-do-estado-inaugura-novo-entreposto-pesqueiro-do-maranhao-e-assina-ordem-de-servico-para-reforma-do-mercado-do-peixe. Acesso em: 12 jul. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

LEGADO: Banda do Bom Menino e a mudança social por meio da música. *Na Mira*, 9 nov. 2023. Disponível em: https://imirante.com/entretenimento/sao-luis/2023/11/09/legado-banda-do-bom-menino-e-a-mudanca-social-por-meio-da-musica. Acesso em: 12 jul. 2025.

LOPES, José Antônio Viana (org.). **São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico e geográfico da província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MUSEU DA MEMÓRIA REPUBLICANA. *Era Virtual*, 9 jul. 2017. Disponível em: https://www.eravirtual.org/museu-da-memoria-republicana/. Acesso em: 12 jul. 2025.

RAMOS, J. O. **Desterro: bairro marcado pela boêmia da cidade.** *Estado do Maranhão*, São Luís, 20 maio 1989.

SÃO LUÍS. Prefeitura Municipal. **Desterro: um bairro além dos mapas**. São Luís: QG Qualidade Gráfica e Editora, 2005a.

SÃO LUÍS. Prefeitura Municipal. **Desterro: uma proposta de reabilitação**. São Luís: QG Qualidade Gráfica e Editora, 2005b.

VAMOS FESTEJAR reúne diversas atrações culturais no último fim de semana de festa, em São Luís: veja programação completa. *G1 Maranhão*, 26 jul. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/ma/maranhao/saojoao/noticia/2024/07/26/vamos-festejar-reune-diversas-atracoes-culturais-no-ultimo-fim-de-semana-de-festa-em-sao-luis-veja-programacao-completa.ghtml. Acesso em: 23 fev. 2025.